

O USO ARGUMENTATIVO DAS ASPAS E AS ESTRATÉGIAS PERSUASIVAS DO DISTANCIAMENTO EM GÊNEROS DIGITAIS

THE ARGUMENTATIVE USE OF QUOTATION MARKS AND THE PERSUASIVE STRATEGIES OF DETACHMENT DIGITAL GENDER

Ályna Maria Fragoso Cabral¹

RESUMO: O presente trabalho surge de reflexões de atividades desenvolvidas no Grupo de Estudos em Linguística Textual (GELT/UNILAB), do Grupo de pesquisa PROTEXTO (UFC) e do projeto de pesquisa denominado *As marcas das heterogeneidades enunciativas como recurso argumentativo retórico para a análise do texto e do discurso*, financiado pela FUNCAP-BPI/CE. Esta pesquisa se propõe a relacionar as heterogeneidades enunciativas, descritas por Authier-Revuz (1990, 1998, 2007, 2015), a estratégias de persuasão fundadas na Nova Retórica, de Perelman-Tyteca (1996) e à Teoria da Argumentação no Discurso, de Amossy (2011, 2014, 2017) analisando o uso das aspas como um fenômeno de heterogeneidade. Refletimos sobre as funções argumentativas que elas podem desempenhar no texto, em especial nos textos digitais. Partimos da hipótese de que as aspas são estratégias argumentativas usadas de modo proposital, com objetivos definidos. Authier (2004) elege para seu estudo as aspas de conotação autonímica, defendendo que estas promovem uma modificação complexa da significação. Para a autora, as aspas apontam diretamente para o surgimento de uma exterioridade no fio do texto e assinalam um distanciamento protetor do locutor com o enunciado marcado. Nesse sentido, retomamos Brito (2010) e relacionamos o fenômeno do aspeamento com a teoria da polidez, proposta por Brown e Levinson (1987), pois consideramos que a maioria dos usos das aspas está ligada a uma espécie de defesa do enunciadador, numa tentativa de preservação de faces. Elegemos para nosso *corpus* comentários de notícias *on-line*. As etapas da pesquisa foram assim definidas: identificamos nas notícias os trechos com as aspas e, posteriormente, refletimos sobre as funções argumentativas que essas estruturas podem exercer nas postagens em foco. Concluímos que o aspeamento aponta diretamente para o surgimento de uma exterioridade no discurso e que as aspas funcionam como uma forma de defesa e distanciamento do locutor de seu dizer.

Palavras-chave: Heterogeneidades Enunciativas. Aspas. Teoria da Argumentação no Discurso.

ABSTRACT: The present work arises from reflections of activities developed in the Group of Studies in Textual Linguistics (GELT/UNILAB), in the PROTEXTO Research Group (UFC) and in the research Project denominated *The marks of enunciative heterogeneities as a rhetorical argumentative resource for the analysis of text and discourse*, financed by FUNCAP-BPI/CE. This research proposes to relate the enunciative heterogeneities, described by Authier-Revuz (1990, 1998, 2007, 2015), strategies of persuasion founded on the New Rhetoric, of

¹ Graduanda do Curso de Letras-Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira(UNILAB). Bolsista de IC - Funcap/BPI da UNILAB. E-mail: alynafragoso@outlook.com

Perelman-Tyteca (1996) and the Theory of Argumentation in Discourse, of Amossy (2011, 2014) analyzing, specifically, the use of quotation marks as a phenomenon of heterogeneity. We reflect on the argumentative functions they can play in the text, in special in digital texts. We start with the hypothesis that quotation marks are argumentative strategies used purposely, with defined objectives. Authier-Revuz (2004) elect for your study the quotation marks of connotation “autonímica”, defending that they promote a complex modification of meaning. For the author, the quotation marks point directly for the emergence of an externality on the thread of speech and, therefore, signaling a protective distance from the speaker with the statement marked. In this sense, we resume Brito (2011) and relate the phenomenon of “aspeamento” with the theory of politeness, proposed by Brown and Levinson (1987), because we consider that most of the uses of the quotation marks is linked to a kind of defense of the enunciator, in an attempt to preserve faces. We elect for our corpus online news comments. The steps of the research were thus defined: we identify the excerpts with the quotation marks and, after, we reflected on the argumentative functions that these structures can exert in the posts in focus. We conclude that the "aspeamento" point directly to the emergence of an exteriority in discourse and that it functions as a form of defense and distance from the speaker and his saying.

Key words: Heterogeneities Enunciative. Quotation Marks. Theory of Argumentation in Speech.

Introdução

Começamos por refletir que compreender a argumentação, suas características, seus mecanismos estruturais e sua aplicação no discurso torna-se uma necessidade prática, isto é, à medida que estudamos as teorias da linguagem, oferecemos subsídios para melhorar a qualidade de vida das pessoas, uma vez que as investigações científicas, inclusive as realizadas nas humanidades, têm como fundamento último desenvolver as descobertas realizadas, aprofundando seus usos de modo a beneficiar os usuários da língua em suas atividades diárias. Entendemos, com isso, que as relações de interação sociocomunicativa, mediadas pela utilização de gêneros discursivos, são orientadas pelo propósito de agir sobre o outro, intencional ou espontaneamente, modificando modos de ver, pensar e sentir (AMOSSY, 2017).

Estudar a argumentação tem, então, uma finalidade imediata, porque seus achados fornecem elementos para o estudo do texto em sua dimensão mais ampla, qual seja, o uso cotidiano da linguagem nas mais variadas situações sociais, passando inclusive pela análise dos textos que nos são apresentados pela mídia em geral, como, por exemplo, os comentários de notícias *on-line*.

Nesse sentido, consideramos que o sujeito recorre a estratégias textuais e discursivas para tornar o seu dizer mais persuasivo, levando em conta que agir sobre o outro é uma competência

humana, pois, conforme sugere Ruth Amossy (2017), toda enunciação possui uma dimensão argumentativa, isto é, parte de uma intencionalidade que, por mais “inocente” que seja, causa uma consequência imediata no interlocutor. Assim, acreditamos que a análise dessas estratégias pode colaborar bastante para os estudos em argumentação.

Em síntese, este estudo se propôs unir esses dois campos – heterogeneidade enunciativa, uma teoria descrita por Authier-Revuz, e argumentação retórica – para verificar, justamente, em que medida as expressões do heterogêneo podem conduzir à leitura argumentativa dos textos. Esta pesquisa responde a uma tendência contemporânea de investigar a linguagem na perspectiva do uso, orientação que vem sendo balizada por muitos movimentos da Linguística que reconhecem a necessidade de investigação do fenômeno linguístico em tempo real e em efetiva atitude social.

Heterogeneidades Enunciativas e a voz do O/outro

Segundo Authier-Revuz (1990; 1998; 2004), o dizer é afetado por uma alteridade que lhe é constitutiva e que pode se revelar na linearidade discursiva sob diferentes possibilidades de marcação, uma vez que, como salienta Settineri (2001), a representação de homogeneidade do discurso é fantasmática, mesmo que o sujeito se coloque na posição de supostamente deter um domínio sobre seu próprio discurso.

Para Authier-Revuz, todo dizer é constitutivamente heterogêneo. A autora discrimina, em seus estudos, dois grandes tipos de heterogeneidade, denominadas de *constitutiva* e *mostrada*. Esses termos designam os dois modos pelos quais o não-um se apresenta no uso da linguagem verbal. A heterogeneidade constitutiva, presente de modo permanente, mas não diretamente observável, é o entrecruzamento de vozes do *eu* e do *outro* em todo e qualquer texto; a segunda, que surge sob a forma de uma representação pelo próprio sujeito falante, é intencional e contingente, marca as negociações do sujeito com a heterogeneidade constitutiva do seu texto.

A autora só considera como “mostração” da heterogeneidade um conjunto de marcas explícitas, outras “implícitas” que ela classifica e que têm sido repetidas pela literatura tanto de heterogeneidade quanto de intertextualidade. Authier-Revuz ainda subclassifica dois tipos de heterogeneidade mostrada, a saber, a heterogeneidade mostrada marcada e a heterogeneidade mostrada não marcada. Para a autora, as formas marcadas são assinaladas de maneira unívoca,

por meio de discurso direto ou indireto, de aspas, negrito, itálico e de glosas. As estruturas consideradas como não marcadas, por sua vez, são as ocorrências de lapsos na linguagem.

Sobre isso, Brito (2010) afirma que ao considerar os lapsos de linguagem como não marcados, Authier-Revuz limita a presença da voz do outro apenas às marcas de representações formais que o locutor faz advirem conscientemente.

Desse modo, ocorrências de lapsos como os dos exemplos abaixo seriam formas não marcadas da alteridade no texto:

(1) “As análises realizadas com base no *esgoto* dessa pesquisa [...]” (*Escavando o discurso e encontrando o sujeito: uma arqueologia das heterogeneidades enunciativas*, Carlos Magno Viana Fonseca, 2007, p. 150).

(2) “Vou mudar o rumo desta *prova*”.

(BRITO, 2015, Programa Papo de segunda – tema Preconceito – Marcelo Tas em 05/10/2015)

Nos dois casos, há um afastamento do sujeito em relação ao seu próprio dizer, fato que marca a presença de um o/Outro, de uma outra voz, mesmo que não trazida conscientemente pelo sujeito. Por isso, Brito (2010) defende que os lapsos também são formas de marcação da heterogeneidade, embora não assinalados graficamente.

Authier-Revuz convoca exteriores teóricos para sustentar a definição de heterogeneidade ancorando-se em um aporte não estritamente linguístico: o dialogismo de Bakhtin e a psicanálise de Freud e Lacan. Essas teorias propõem, respectivamente, que a interação com o discurso outro é lei constitutiva de qualquer discurso e que o sujeito não é uno, pois é estruturalmente clivado pelo inconsciente.

Bakhtin (2000) propõe uma teoria da ideologização interna do discurso, não reduzindo, portanto o diálogo a uma comunicação face a face, defendendo que a comunicação é muito mais que a transmissão de uma mensagem. Para o autor, as palavras são habitadas por outras palavras, o discurso é atravessado por outros discursos, entendendo que não há outra maneira,

a não ser esta, de construção de um discurso. Bakhtin defende a não individualidade do discurso, uma vez que em cada produção discursiva ecoa sempre a voz do Outro.

A psicanálise lacaniana apresenta uma concepção de fala fundamentalmente heterogênea e um sujeito dividido em sua estrutura. Desta maneira, a autora justifica a convocação destes exteriores argumentando que ambos “destituem o sujeito do domínio de seu dizer” (AUTHIER-REVUZ, 1999, p. 17).

Brito (2010) defende que, ao convocar a psicanálise freudo-lacaniana para a base epistemológica de uma investigação linguística, Authier-Revuz proporciona uma “revolução” nos estudos linguísticos, pois coloca em cena a ideia de um sujeito dono do seu dizer e dos sentidos que seus textos veiculam - uma concepção de sujeito que, até o final da década de 1980, destoou da noção amplamente aceita pelos estudos da linguagem. Para Authier-Revuz, o sujeito não domina por completo o seu dizer e é nessa falha constitutiva do seu discurso que surge a presença do O/outro. A proposta de Authier-Revuz é que esses exteriores teóricos (tanto o dialogismo, quanto a psicanálise) permitam articular uma teoria da heterogeneidade linguística a uma teoria do descentramento do sujeito. Para a autora, as aspas constituem um dos meios pelos quais é possível flagrar esse descentramento.

As aspas

Começemos por refletir sobre o que se diz tradicionalmente sobre a utilização das aspas. Conforme Cunha e Cintra (2008), usualmente as aspas são empregadas nos seguintes casos, que tentamos ilustrar:

- Para marcar o início e o fim de uma citação, como no exemplo: “tudo vale a pena, se a alma não é pequena”. - Fernando Pessoa (PESSOA, 2016, p.24);
- para marcar estrangeirismos, neologismos etc., como nos exemplos: o meu filho é um verdadeiro “hacker”; hoje, jantaremos no “food truck” do Gil;
- para acentuar um valor significativo, como no exemplo: no nosso Brasil, temos muitos “políticos honestos” que respeitam o seu eleitor;
- para realçar apenas, como no exemplo: Paula conseguiu fazer “tudo” errado.
- para marcar uma fala nos diálogos, como neste exemplo: “Você gosta de cachorros?” - Perguntou Arminda. “Não gosto de cachorro e nem de gatos”,

declarou Olympio. “Pobre de ti, és um homem amargurado e infeliz”, decretou Arminda. (Os exemplos são de Brito (2018)).

Vemos esses usos das aspas como um sinal de pontuação que eles atendem, de um modo geral, à finalidade de pôr em destaque algum trecho do texto, seja para citar direta e literalmente a fala de um outro, seja para pontuar a alternância de turno nos diálogos, seja para marcar estrangeirismos ou neologismos, seja para atribuir uma conotação diferente a uma expressão.

Authier-Revuz (2004) alça as aspas a um patamar de heterogeneidade enunciativa, desviando o foco de um olhar meramente normativo como sinal de pontuação para um olhar sobre o jogo polifônico que elas evidenciam, analisando-as de um ponto de vista linguístico, mostrando que estas marcas têm a função de desempenhar uma reflexão metaenunciativa do dizer.

Diferentemente da Gramática Tradicional, a autora encampa uma visão linguística de que as aspas são marcas de um distanciamento, são a suspensão de uma responsabilidade enunciativa. As aspas evidenciam uma atitude metaenunciativa. Essa atitude coloca o locutor em posição de juiz e de dono das palavras, capaz de recuar, de emitir um julgamento sobre as palavras no momento em que as utiliza. Assim, as aspas marcam a presença de uma fala “sob vigilância, sob controle, uma fala ‘mantida’², em um terceiro sentido.” (p.219)

Comungando com os pressupostos de Authier-Revuz, evidenciaremos, neste trabalho, que as aspas são marcas de um distanciamento, são a suspensão de uma responsabilidade enunciativa, mas também são marcas da presença da voz do outro que se faz manifesto no enunciado. Defendemos ainda que, ao recorrer ao uso das aspas, o locutor lança mão de estratégias textuais e discursivas para tornar o seu dizer mais persuasivo, ao mesmo tempo em que influencia o interlocutor em seu modo de ver, pensar e sentir (AMOSSY, 2017).

As funções das aspas

Authier-Revuz afirma que as aspas indicam uma suspensão de responsabilidade, uma vez que, por meio delas, se “manifesta um *questionamento do caráter apropriado* da palavra ao discurso no qual é utilizada - nos dois sentidos desta: "pertencente a" e "adaptado a" -, correspondente a uma glosa, implícita, remetendo a um *discurso-outro*. (p.219) Isso aponta para

² [leia-se: dominada].

a ideia das aspas funcionando sempre como marca de falta, como se o locutor dissesse “não convém, mas digo mesmo assim”.

Cavalcante e Brito (2017) reiteram que a marcação das aspas indica o reconhecimento ilusório, para o locutor, de uma outra voz, não apropriada, vindo de outro lugar. Por outro lado, segundo Teixeira (2005), as aspas atestam uma imperfeição constitutiva, pois, se a palavra com aspas está na margem de um discurso, não é no sentido de que possa ser desprezada, pois se trata de uma margem que delimita e constitui o discurso.

Authier-Revuz (2004) descreve alguns tipos de motivação que as aspas podem ter – é o que estamos tratando como efeitos de sentido (ou funções): aspas de familiaridade, aspas de condescendência e aspas pedagógicas; aspas ostentórias de narcisismo ofensivo; aspas de proteção; e aspas de ênfase.

a) Aspas de familiaridade, aspas de condescendência e aspas pedagógicas

O uso destes tipos de aspas assinala, metadiscursivamente, um abrandamento, uma suavização do dizer para que o locutor proteja-se do julgamento do interlocutor. É uma colocação paternalista das aspas, o locutor utiliza uma palavra mais apropriada ao universo do receptor, mas, como que para preservar a própria face, marca com aspas de distanciamento em relação a esse universo que não seria bem o seu. cremos que é um uso "concessivo" ou permissivo, que, em uma linguagem mais formal, assinala um linguajar mais familiar, como no exemplo:

(1) Ora, muitas vezes, essa atividade das células se torna lenta. A pele, especialmente se for seca ou fina, "estica" e "fica marcada" por qualquer coisa. (Publicidade de produto de beleza, em Elle, 1980).³

No exemplo, “as aspas assinalam uma palavra apropriada ao receptor, mas não ao locutor; é como se ele dissesse: "Se não falasse com você, não teria dito essa palavra". Numerosas aspas de vulgarização são desse tipo; por elas, o locutor utiliza palavras que atribui ao interlocutor para "colocar-se ao seu alcance", frequentemente como uma etapa para conduzi-lo às "verdadeiras" palavras, às quais o locutor adere plenamente, sem aspas (p. 222).

³ O exemplo foi retirado de Authier-Revuz (2004, p.131)

Em alinhamento com Cavalcante e Brito (2017), salientamos que a maioria do uso das aspas está ligada a uma espécie de defesa do enunciador, numa tentativa de preservação de faces. Brown e Levinson (1987) consideram a polidez linguística como um sistema complexo de estratégias que auxiliam no distanciamento de atos ameaçadores de face, que são geradores potenciais de conflito na interação. Consideramos que esses três tipos de aspas classificados pela autora (de familiaridade, de condescendência e aspas pedagógicas), além de cumprirem a função de preservação de face, também exercem uma função muito próxima, a de colocar a palavra ao alcance de seu interlocutor.

b) Aspas de questionamento ofensivo

Para Authier-Revuz (2004), este tipo de aspas é usado quando o locutor é obrigado a se expressar por meio de palavras que percebe como impostas pelo exterior, tomando suas próprias palavras como interditas; o uso das aspas é utilizado como forma de defesa e demonstra “uma reação ofensiva em uma situação dominada” (p.132). Vejamos o exemplo.

(2) Toda criança que vem ao mundo por “acidente” pode muito bem ser, de fato, inconscientemente desejada.

A marcação das aspas indica o reconhecimento ilusório, para o locutor, de uma outra voz, não apropriada, vindo de outro lugar, marcam a negociação do sujeito com o Outro, circunscrevendo a exterioridade discursiva, e a voz de um outro ecoa.

c) Aspas de proteção

As aspas de proteção dizem respeito ao modo de falar do sujeito, como se ele dissesse: “isso que eu digo é apenas um modo de falar, não quero me preocupar com isso”. Esse uso de aspas é empregado pelo locutor quando ele tende a empregar palavras em um contexto em que ele não considera possuir um saber relacionado à situação social e, como forma de proteção, opta pelo uso das aspas. Vejamos o exemplo.

(3) A publicação por La Croix da entrevista de M. Beullac teve o efeito de uma “bomba”.

As aspas neste exemplo funcionam como uma espécie de pedido de permissão ao interlocutor para expressar um significado diferente.

d) Aspas de ênfase

Diferentemente dos tipos anteriores, este tipo de aspas é usado para ressaltar aquilo que realmente se quer dizer, funciona como "é bem essa palavra que quero dizer, é exatamente essa palavra que quero dizer" (p.228). Notemos:

(4) *Que partido tomar? Em quem se deve acreditar? E como você pode manter a cabeça fria face aos debates cada vez mais numerosos, cada vez mais apaixonados, que sacodem nossa sociedade [...]. Sobre todos os assuntos [...] LA CROIX lhe traz as informações, as precisões, os números, graças aos quais você formará uma opinião ("sua" opinião) e graças aos quais você não se deixará enganar com facilidade.* (Publicidade em La Croix, exemplo de Authier-Revuz p.229).

Authier-Revuz afirma que as aspas de ênfase funcionam como uma resposta à suspensão de responsabilidade própria a qualquer colocação de aspas; elas podem ser substituídas por itálico ou por negrito quando em função equivalente.

Propomos que todas essas funções apresentadas pela autora sejam pensadas como uma forma de defesa e que as formas de evidência da assunção, ou da não assunção, de responsabilidade escondem, cada uma a seu modo, uma maneira de o locutor se proteger. As demais funções parecem produzir um efeito a mais, como se estivessem abaixo da função de defesa: "longe dessa fantasia de discurso perfeito da verdade, não conflitual, as aspas são a marca de uma imperfeição, trata-se de uma *imperfeição constitutiva*." (p.229)

Cavalcante e Brito (2017) reconsideraram a classificação das aspas de Authier-Revuz, agrupando os aspeamentos que compartilham uma mesma função no texto, como, por exemplo, as aspas de proteção e as aspas de condescendência. Esses dois tipos de aspas são usados, na visão das autoras, como uma espécie de preservação de face do locutor em relação a seu interlocutor. Tanto as aspas de proteção como as aspas de condescendência têm o propósito de manter a polidez entre os falantes. Brito (2016), em uma associação de funções para os tipos de aspas, elaborou o quadro a seguir:

| Tipos de aspas | Função das aspas |
|------------------------|---|
| Aspas de diferenciação | Diferenciar as palavras usadas em estrangeirismos, neologismos, palavras técnicas e familiares. |

| | |
|--|---|
| Aspas de proteção e Aspas de condescendência | Preservar a face para manter a polidez; as aspas são usadas em posição paternalista em relação ao interlocutor. |
| Aspas de questionamento ofensivo | Demonstrar ironia, irritação ou desacordo com o locutor; as aspas são usadas quando o locutor é obrigado a se expressar por meio de palavras que percebe como impostas pelo exterior, tomando suas próprias palavras como interditas. |
| Aspas de ênfase | Dar ênfase a uma palavra; as aspas são usadas como forma de ressaltar aquilo que realmente se quer dizer. |

Quadro elaborado por Brito (2016)

As aspas como estratégias persuasivas

Apesar de Authier-Revuz não tratar da relação entre heterogeneidade e argumentação, pois isso não era o seu propósito, pensamos que esse caminho é frutífero, pois permite ser abordado não apenas como marca do heterogêneo, mas também como estratégia persuasiva. Analisando o uso das aspas agora por uma perspectiva retórica, podemos constatar que todos esses tipos de uso das aspas atendem a um direcionamento argumentativo, por isso passamos a analisá-los como estratégias persuasivas de que o locutor lança mão para fazer valer seu ponto de vista.

Esta visão comunga com a afirmação de Cavalcante (2016) de que as estratégias argumentativas podem ser muito diversificadas e se manifestar por vários recursos, como as intertextualidades, a escolha de dado gênero, a escolha de dada sequência textual, a escolha de certos processos referenciais e a forma como são expressos, incluindo nisso o uso de antropônimos e o jogo de aspectos fonológicos e morfossintáticos, as marcas de heterogeneidade enunciativa etc.

Authier-Revuz (1990) constatou que sempre nas palavras outras palavras são ditas, e é a própria estrutura material da língua que permite a escuta dessas ressonâncias – não-intencionais - que rompem a suposta homogeneidade do texto. A linguagem é duplicada em uma outra cena pela própria linguagem, e isso se deixa surpreender na linearidade do cotexto, através de rupturas, choques e desvios.

As aspas marcam a negociação do sujeito com o Outro, circunscrevendo a exterioridade discursiva; indicam que a palavra empregada não é a mais adequada para designar o que o enunciador pretende, pois pode não corresponder exatamente à realidade. Vejamos como se dá o uso das aspas como marca de negociação para persuasão nos comentários dos internautas sobre uma notícia publicada na internet:

(5)

Emilly Araújo, campeã do BBB17, deixa Delegacia de Atendimento à Mulher no Rio. Ela foi prestar esclarecimentos no inquérito que apura se o cirurgião Marcos Harter a agrediu. Delegada quer esclarecer todos os fatos exibidos no programa. Por Bruno Albernaz, G1 Rio 17/04/2017 13h29 Atualizado 17/04/2017 18h39. <http://http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/emilly-araujo-campea-do-bbb17-deixa-delegacia-de-atendimento-a-mulher-no-rio.ghtml>



Comentários:

- ▶ ***Sílvia Teixeira 2017-04-17. ESSE MARCOS É DOIDO VARRIDO, PREPOTENTE E PRECONCEITUOSO, MAS SÃO ESSES "CANALHAS" QUE A MAIORIA DAS MULHERES ADORAM, POR ISSO APANHAM CALADAS E SÃO MORTAS DIARIAMENTE. !!!***
- ▶ ***Lili Moura 2017-04-17. Mulher que fica com homem assim é porque gosta de apanhar. Deveria ter batido mais.***
- ▶ ***Lara Santos 2017-04-17. Única pessoa que deveria ser presa é essa DELEGADA. Primeiro fez o sujeito ir depor sem denúncia de crime, agora, faz a suposta "vítima" ir depor sem precisar ir e terceiro esse bando de alienados burros vão até a delegacia mostrando o quanto esse país é um atraso em todos os sentidos.***

No exemplo (5) mais do que uma função de ênfase, as aspas são marcas de construção de uma tese, a de que homens que batem em mulheres não prestam, possuem uma má índole. O “canalhas” de *Sílvia Teixeira 2017-04-17* presta-se a construir um caminho em que se delineia a estratégia de que o ex BBB, Marcos, possui um caráter desviado e preconceituoso e que é este tipo de homem que as mulheres preferem. Desta forma, o locutor traz a voz de um exterior que diz: “eles não prestam, elas gostam assim”, “mulher gosta é de apanhar”.

O “canalhas” aspeado foi escolhido para ressaltar a presença de uma outra voz que é evocada para convencer o auditório (PERELMAN E TYTECA, 1998) e para validar a ideia de que homem que bate em mulher é canalha, mas que mulheres parecem gostar de homem assim.

Perelman e Tyteca afirmam que é sempre em função do auditório que se quer persuadir, é sempre em função do outro que se constrói um discurso. Estamos demonstrando que as aspas colaboram para a persuasão.

Aspas como marca de uma imperfeição

Authier-Revuz afirma que pôr aspas é retirar das palavras sua evidência de adequação. No exemplo (5), *Lara Santos 2017-04-17* comenta: “*Única pessoa que deveria ser presa é essa DELEGADA. Primeiro fez o sujeito ir depor sem denúncia de crime, agora, faz a suposta "vítima" ir depor sem precisar ir e terceiro esse bando de alienados burros vão até a delegacia mostrando o quanto esse país é um atraso em todos os sentidos*”. Neste comentário postado, “vítima” abre espaço para um outro que afirma que “vítima” não é essa que o interlocutor está pensando que é. Vemos um apelo muito grande ao *pathos*, à emoção que se quer provocar no outro, pois daí emerge um juízo de valor que paira acima de qualquer outro raciocínio.

As aspas, ao mesmo tempo em que laçam e enfatizam um dito, dando ao sujeito um distanciamento seguro de seu dizer, despistam o outro. Com isso, elas reforçam uma espécie de logro, de enganação, porque suspendem o sentido. Podemos observar que as aspas empregadas nas palavras escolhidas, tanto em “canalha” como em “vítima”, foram estratégias construídas para persuadir o outro a aceitar um dado ponto de vista.

As aspas abrem espaço para o advento de um sujeito clivado em uma linguagem que falha, que é não toda. Desta forma, elas fazem fronteira com o exterior, e a voz de um outro ecoa. A voz de um outro que se deixa ouvir carrega um jogo que Brito (2017) chamaria de “pega e esconde”.

Desta maneira, no âmbito da argumentação situada numa análise do discurso em interface com certas concepções da Retórica e da Nova Retórica, tomamos Amossy (2017) para ilustrar os estudos das aspás tanto nos textos que, para a autora, são de *visada argumentativa* (que defendem uma tese), quanto nos textos que têm apenas *dimensão argumentativa* (que não se empenham em defender uma tese, apenas utilizam meios de agir sobre o outro, tentando fazê-lo mudar de direção quanto a seu modo de ver e de sentir em relação a uma questão). Admitimos, assim, que todos os textos estão integrados em práticas sociais e apresentam uma dimensão argumentativa a eles associada, mas que, por outro lado, poucos têm realmente uma visada argumentativa, isto é, poucos têm uma estrutura argumentativa que vise à defesa de uma opinião fundamentada em argumentos.

Vejamos mais um exemplo de notícia e seus comentários.

(6)

Homem que ejaculou em mulher é detido de novo em SP; delegado pede prisão preventiva...

Por Wellington Ramalho Do UOL, em São Paulo. <https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/brasil/2017/09/02/homem-que-ejaculou-em-mulher-em-onibus-e-presos-novamente-apos-atacar-outra-passageira>.



Comentários:

- ▶ ***Visitante 9 meses atrás.*** E agora, o que farão o Promotor e o Juiz que dias atrás entenderam que não houve no gesto dele motivo algum para medidas coercitivas, que sequer tenha havido constrangimento para a moça vítima desse sujeito? Alguém aí acredita - o próprio juiz - que se essa ejaculada tivesse sido sobre esposa ou filha desse magistrado e desse "fiscal da Lei" concluiriam Suas Excelências como concluíram?
- ▶ ***Yufd 9 meses atrás.*** Queria ver o que esse juiz faria se esse tarado ejaculasse na cara da filha ou da mãe dele.

- ▶ *zé ninguém spzinho 9 meses atrás. Perda de tempo em prender... a "justiça" vai soltar de novo!!! Aliás, não sei nem pra que temos polícia hoje.. se o policial mata, ELE vai preso, se ele prende, a justiça solta...Isso é Brasil!!!*

- ▶ *Paulo Ferreira Júnior 9 meses atrás. Essa pessoa já tinha 16 passagens pela Delegacia pelo mesmo ato. Se isso não é motivo para deixa-lo preso então qual é? O problema desse país, além dos políticos corruptos, são as leis. Porém Juiz nenhum pode ficar dando desculpa de se "ater apenas o que diz a lei" para se fazer justiça, caso contrário, serão apenas meros "papagaios" repetidores do que algo escrito em um papel diz. Vale-se dizer que com os seus super salários, esses funcionários públicos chamados de magistrados, dão em troca para a sociedade, um retorno muito baixo. Vocês também do M. Público, façam a sua parte, pelos bons salários que recebem. O povo está saturado de ser sempre a vítima que só serve para pagar impostos.*

No comentário de *Visitante 9 meses atrás*, vemos que “fiscal da Lei” aspeado foi empregado como um recurso de persuadir o interlocutor de que o poder judiciário talvez não estivesse cumprindo as atribuições de seu uso, uma vez que o Juiz, como aquele que julga que faz valer a lei, que é investido de importante autoridade exercida nos limites de uma jurisdição, talvez não estivesse fazendo valer a função que lhe cabe, de fiscalizar e fazer valer a lei, já que tinha defendido mudanças na legislação contra crimes de estupro. Neste sentido as aspas empregadas na expressão escolhida foram estratégias construídas para convencer o outro do seu ponto de vista.

No terceiro comentário, de *zé ninguém spzinho 9 meses atrás*, o interlocutor aspeia a expressão “justiça”. Desta maneira, o comentário faz-nos refletir sobre a fantasia de discurso perfeito da verdade, não conflitual, as aspas funcionam neste exemplo como a marca de uma imperfeição, funcionando, antes de tudo, como uma marca de falha na linguagem, trazendo uma laçada reflexiva. Ao usar a palavra “justiça” aspeada, o locutor traz a voz de um outro que diz que a “justiça” que interlocutor está pensando não é a “justiça” a que o locutor se refere.

Como visto pelas análises empreendidas, o ato de aspear, além de funções gramaticais, cumpre funções estratégicas persuasivas de modo a levar o locutor a fazer condizer argumentativamente o texto em um jogo de pega e esconde. Ao mesmo tempo em que o locutor, ao usar as aspas, se distancia do seu dizer, colocando-se, assim, em uma situação de conforto, uma vez que protege sua face de qualquer acusação ao atrair o interlocutor para o ponto de vista

que defende. Por fim, mostramos que, em todas as ocorrências das aspas, no fundo, há uma função de defesa, mesmo quando se simula uma total assunção de responsabilidade enunciativa.

Considerações Finais

Nesta breve análise que realizamos, pudemos observar que é possível abordar as aspas de um ponto de vista polifônico, como marcas de um jogo de vozes de uma heterogeneidade enunciativa mostrada, entendendo-as para além de um recurso normativo de pontuação, tal como descrevem as gramáticas. As aspas podem funcionar como uma marca de negociação do sujeito com o outro, circunscrevendo a exterioridade discursiva, uma vez que estas se fazem "na borda" de um discurso, ou seja, marcam o *encontro com um discurso-outro*. Por essa razão, dizemos que as aspas podem ser observadas também do ponto de vista retórico, como marcas de estratégias persuasivas, na medida em que colaboram para influenciar o outro no dizer.

Constatamos que as aspas evidenciam uma marca de imperfeição, longe dessa fantasia de discurso perfeito da verdade, não conflitual, pois se trata de uma *imperfeição constitutiva*. É inalcançável uma adequação perfeita entre o dizer e a forma de expressão do dizer, abrindo espaço para o surgimento de um sujeito clivado e de uma linguagem não toda.

Por fim, entendemos as aspas ainda como uma estratégia argumentativa usada pelo locutor para persuadir seu interlocutor, ao mesmo tempo em que laça e enfatiza um dito, dando ao sujeito um distanciamento seguro de seu dizer, pois as aspas despistam o outro. Com isso, elas reforçam uma espécie de logro, de enganação, porque suspendem o sentido, orientando um processo persuasivo-argumentativo no qual o locutor simultaneamente se afirma e defende-se de interpretações outras.

Referências bibliográficas

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidade(s) enunciativa(s)**. Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas (SP), n.19, dez. 1990, p.25-42.

_____. **Palavras incertas**: as não coincidências do dizer. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1998.

_____. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre/RS: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BROW, P.; LEVINSON, S. *Politeness*: some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BRITO, M. A. P. 2010. Marcas linguísticas da interpretação psicanalítica: heterogeneidades enunciativas e construção da referência. Fortaleza, CE. Tese. Universidade Federal do Ceará – UFC, 213p.

CAVALCANTE, M.M. **Linguística Textual e argumentação.** /Palestra apresentada por ocasião da XXVI JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS – Gelne. Recife, 2016.

CAVALCANTE, M. M; BRITO, M. A. P. Linguística textual e as Heterogeneidades Enunciativas. In: CAPISTRANO JÚNIOR, R.; LINS, M. P. P.; ELIAS, V. M. Linguística Textual: diálogos interdisciplinares. São Paulo: Labrador, 2017.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo.** 5.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

FONSECA, C.M.V. 2007. Escavando o discurso e encontrando o sujeito: uma arqueologia das heterogeneidades enunciativas. Fortaleza, CE. Dissertação. Universidade Federal do Ceará – UFC, 225 p.

PERELMAN, C.; TYTECA, O-. **Tratado da argumentação:** a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SETTINERI, F.F. *Quando falar é tratar:* o funcionamento da linguagem nas intervenções do psicanalista. 2001. 136 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

TEIXEIRA, M. **Análise de Discurso e Psicanálise:** elementos para uma abordagem do sentido no discurso. Porto Alegre, EDPURCS: 2005.